



ARTE TOTAL, ENSINO TOTAL – ALCIDES ROCHA MIRANDA, A UNB E O INSTITUTO CENTRAL DE ARTES¹

TOTAL ART TOTAL EDUCATIONALCIDES ROCHA MIRANDA, UNB AND THE ART CENTRAL INSTITUTE

Liege Sieben Puhl

Laboratório de História e Teoria da Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UniRitter

liege_puhl@uniritter.edu.br

Resumo

Durante séculos o ensino formal de arquitetura na Europa baseou-se na *Beaux Arts* francesa, em princípios especialmente voltados à estética e composição. Surgiram várias escolas que propuseram abordagens diferentes ao ensino de arquitetura, no sentido de suprir as deficiências da escola francesa: tanto voltadas mais para a tecnologia e ligadas a cursos de engenharia, quanto escolas de artes e ofícios. Entretanto a escola que mais revolucionou esse cenário do ensino de arquitetura foi a Bauhaus, idealizada e fundada por Walter Gropius, no início do século XX. Gropius defendia a obra de arte total, a integração de todas as artes práticas – escultura, pintura, artesanato e ofícios. As ideias do criador e idealizador da escola de design e arquitetura chegaram ao Brasil e foram compartilhadas por artistas nacionais, como o arquiteto e artista plástico Alcides Rocha Miranda. Enviado à Brasília em 1960 Alcides teve papel decisivo na votação que aprovou, a lei de criação da UnB. Como professor da universidade da nova capital Rocha Miranda, junto a outros artistas criou o Instituto Central de Artes, imbuído de princípios semelhantes aos da Bauhaus: a integração das artes, a aprendizagem pela prática e a renúncia à estilística.

Palavras-chave: Alcides Rocha Miranda. Instituto Central de Artes. Arte total. Ensino de arquitetura.

Abstract

For centuries the architectural formal teaching in Europe was based on the French *Beaux Arts* principles especially those focused on aesthetics and composition. Several schools arose which took different approaches to the teaching of architecture in order to supply the deficiencies of the French school: so much those focused on technology and related to engineering courses, as it arts and crafts schools. However the school that most revolutionized this architectural teaching scenario was the Bauhaus, designed and founded by Walter Gropius at the beginning of the 20th century. Gropius defended the total work of art, the integration of all practical arts - sculpture, painting, crafts and handicrafts. The ideas of the creator and founder of design and architecture school came to Brazil and were shared by national artists such as the architect and artist Alcides Rocha Miranda. Alcides was sent to Brasilia in 1960 had a decisive role in the vote that approved the law wich created UnB. As a professor at the University of the new capital Rocha Miranda and along with other artists the Arts Central Institute was created. It was imbued with similar principles to those of the Bauhaus: the integration of the arts, learning-by-doing and the renunciation of stylistics.

Keywords: Alcides Rocha Miranda. Arts Central Institute. Total art. Architectural education.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo trata do ensino de arquitetura proposto na UnB através do Instituto Central de Artes – o ICA, criado por Alcides Rocha Miranda e idealizado por ele e outros artistas - e através da FAU. O objetivo é entender como se desenvolveu essa proposta num contexto junto à criação da própria UnB e destacar a participação de Rocha Miranda nesse processo. Além disso, contribuir com a historiografia do ensino em da arte e arquitetura nacionais, destacando a integração das artes ou a

¹ PUHL, L. S. Arte Total, Ensino Total – Alcides Rocha Miranda, a UnB e o Instituto Central de Artes. In: 11º SEMINÁRIO NACIONAL DOCOMOMO BRASIL. Anais... Recife: DOCOMOMO_BR, 2016. p.1-9.



obra de arte total, como ideologia e método presentes Movimento Moderno. Os métodos utilizados foram de revisão da bibliografia referente ao ensino em arquitetura, ao arquiteto e artista Rocha Miranda e à criação da Unb-ICA-FAU; análise de imagens de época e entrevista com professores da UnB. Através desses métodos, em especial a revisão do ensino proposto pela Bauhaus, conclui-se que existiram diversos paralelos entre o ICA-FAU e a Bauhaus, fazendo desses órgãos da UnB vanguarda em termos de ensino de arquitetura no Brasil.

2 ENSINO DE ARQUITETURA

2.1 Beaux-Arts

Foi na França, na segunda metade do século XVII, que foi implantado o ensino formal em arquitetura pelo rei Luís XIV. O ensino na Academia Real de Arquitetura (*Académie Royale d'Architecture*) era conservador e baseava-se nos princípios renascentistas, em reação a atuações mais descompromissadas como no Barroco Italiano ou uma arquitetura mais espontânea dos mestre-de-obras. A constituição da academia se deu, também, com o objetivo de estabelecer uma congregação de arquitetos responsável em formular um conjunto de diretrizes para avaliar grandes projetos públicos. Sob a direção do matemático e engenheiro militar François Blondel o curso durava de 2 a 3 anos e as turmas eram de 6 a 12 alunos. Não se integrava a essa academia as outras artes. Havia outra academia à parte que promovia a pintura e a escultura. Depois de mais de um século de atividade a Academia Real de Arquitetura foi fechada pelo governo revolucionário e restabelecida pouco tempo depois como Escola de Belas Artes (*Académie des Beaux-Arts*). Entretanto seguia com as mesmas deficiências do passado.

Na primeira metade do século XVIII surgiram iniciativas com o intuito de preencher as lacunas do ensino da Academia Real de Arquitetura, que ao passar dos anos enfatizava a estética e negligenciava aspectos relevantes na arquitetura entre eles o programa de necessidades e o clima. O arquiteto Jacques-François Blondel abriu a Escola de Artes (*École des Arts*), que durou pouco, 12 anos, e era independente da Academia Real de Arquitetura. Foram criados dois cursos de arquitetura dentro dos currículos de duas escolas de engenharia, um deles foi na *École des Ponts et Chaussées*. Esses cursos enfatizavam a lógica construtiva, a racionalidade e a simplicidade estética. Outras tentativas surgem no campo do ensino com o foco mais em suprir as necessidades no conhecimento tecnológico dentro da formação do arquiteto. A academia francesa criou uma tradição no ensino de arquitetura e artes maiores. Seu modelo foi exportado e difundido por outras partes. Na Prússia, Rússia, Inglaterra e Espanha durante o século XVIII foram implantadas academias que ensinavam arquitetura e as artes maiores, as não aplicadas. (SOUSA, 2001)

2.2 Bauhaus

Por outro lado, contra a corrente da produção industrial de produtos mal formados (GROPIUS, 1997) surgiram na Alemanha diversas escolas de artes e ofícios para as artes aplicadas. As iniciativas eram de artesãos e artistas influenciados pelos ingleses John Ruskin e William Morris, sendo o último o líder do movimento *Arts and Crafts* da segunda metade do século XIX. O movimento não teve grande duração, mas, além de influenciar diretamente o *Art Nouveau*, sua ideologia estava no cerne da Escola Bauhaus. A revolucionária escola alemã surge a partir da fusão de duas escolas em Weimar: a Escola de Artes e Ofícios (*Sächsische Kunstgewerbeschule*) e a Escola Superior de Belas-Artes (*Sächsische Hochschule für bildende Kunst*). Walter Gropius foi indicado por um dos expoentes do *Art Nouveau*, Henry Van de Velde, para assumir a direção da Escola de Artes e Ofícios. Após assumir Gropius realizou a fusão das duas escolas gerando um programa semelhante ao da *Werkbund*.



A *Deutscher Werkbund* foi uma organização fundada na primeira metade do século XX por arquitetos, designers e empresários, entre eles Gropius, Mies van der Rohe e Peter Behrens. A *Werkbund* busca uma nova arquitetura, que vê na indústria possibilidades para um mundo melhor, que não nega a estética, que aceita os novos materiais de construção e que busca novas maneiras de habitar para todas as camadas da população.

Gropius declara que todo trabalho é a manifestação de uma essência interior e somente esse trabalho tem um significado espiritual, ao passo que o trabalho puramente mecânico não tem sentido vital; “enquanto a economia e a máquina permanecerem como fins em si mesmas, em vez de meios para liberar cada vez mais, do peso do trabalho mecânico, as energias do espírito, o indivíduo continua escravo e a sociedade não encontra seu equilíbrio definitivo. (ARGAN, 2005, p.17)

Gropius também foi influenciado pelos ideais da Escola de Artes Industriais (*Kunstgewerbeschule*) e pela teoria de Konrad Fiedler,

As proposições teóricas de Fiedler, que apresentavam a arte como “contemplação produtiva” ou produtividade ilimitada, concretizam-se no pensamento de Gropius num problema histórico preciso: o contraste entre artesanato e indústria, como antítese interna e ainda não resolvida da produtividade na sociedade moderna. A arte poderá concorrer para eliminar essa contradição se souber apropriar-se dos meios da indústria e passar, também ela, da fase histórica do artesanato à fase industrial. (ARGAN, 2005, p.34)

Gropius não via antagonismo entre arte e indústria e isso já aparecia nos ideais do *Art Nouveau* no final do século XIX. Vislumbrava a formação de artífices idealizadores de formas, que trabalhassem em cooperação. Acreditava na democracia e na colaboração entre professores e alunos, que moravam na escola e tinham uma relação muito próxima. O curso durava aproximadamente três anos e meio. Após um semestre de um estudo preliminar sobre a problemática da forma através de laboratório prático de criação e livre expressão, o aluno ingressava em um laboratório especial para desenvolver a técnica com vários materiais apoiado por noções teóricas de tecnologia e gestão empresarial. Passados três anos o aluno recebia o diploma de artesão e ingressava num curso de aperfeiçoamento baseado no ensino da arquitetura.

A arquitetura estava no topo de uma pirâmide cuja base era a matéria (metal, vidro, fibras têxteis, etc.) e as possíveis artes com essas matérias. Acreditava-se na arquitetura como integração de todas as artes, tanto as chamadas artes maiores e as artes aplicadas, o grande edifício, a obra de arte total. Evitava-se o seguimento de um estilo. A ideia de unificar as artes resultando na obra de arte total é mais antiga, vem da primeira metade do século XIX, com o alemão Richard Wagner. Após Gropius, passaram pela direção da Escola Hannes Meyer e Mies Van der Rohe. A Escola foi fechada pelos nazistas em 1933.

2.3 Brasil

Nas primeiras décadas do século XIX, a convite da corte Portuguesa, Lebreton foi ao Rio de Janeiro junto a outros artistas franceses para implantar uma escola de belas artes na cidade. Lebreton havia dirigido a Academia de Belas Artes Francesa por quase 15 anos. Durante quase 120 anos o ensino de arquitetura esteve inserido na Escola de Belas Artes carioca. Esses anos foram marcados por décadas de dificuldades de implantação do modelo de ensino francês, muito em função da resistência dos artistas e intelectuais locais e de conjunturas burocráticas. Vale lembrar que tal modelo nessa época já sofria críticas na França em função dos profissionais egressos que apresentavam deficiências para lidar com problemas funcionais e técnicos. Esse foi o caso de Grandjean de Montigny, que apesar de laureado na academia francesa, foi intensamente criticado pelas obras realizadas no Rio de Janeiro durante sua gestão de 23 anos como diretor da Escola de Belas Artes.



O início de um movimento contra o descrédito da academia frente à sociedade carioca foi na reforma implantada pelo então diretor Pôrto-alegre em 1854. Foram criadas novas disciplinas, ainda enfatizando a estética, mas que deram um novo ar para a escola. A Escola Politécnica (antiga Escola Militar) com sua base tecnológica fazia concorrência à Belas Artes, levando dessa um número considerável de alunos. Assim, em 1890 com nova direção a instituição passou por uma grande reforma, passando a ser chamada Escola Nacional de Belas Artes. Em 1945 o ensino de arquitetura tornou-se independente em relação à escola de origem francesa e se transformou na Faculdade Nacional de Arquitetura.

3 ALCIDES ROCHA MIRANDA

3.1 Formação, influências e atuação

Alcides cursou arquitetura entre 1926 e 1932 na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, iniciando pelos cursos livres, englobando as quatro artes: pintura, arquitetura, escultura e gravura. Na ENBA teve uma formação não academicista graças à passagem de Lucio Costa como diretor da escola e por ter tido mestres como Candido Portinari e Emílio Baumgart. Além da ENBA, Alcides estudou artes na Universidade do Distrito Federal (UDF). A geração de Alcides teve contato direto com Le Corbusier, Frank Lloyd Wright e Auguste Perret e com a Revista Bauhaus.

Entretanto o contato de Rocha Miranda com a Bauhaus não se esgota com a leitura da Revista. Alcides participou da organização do 1º Salão de Arquitetura Tropical em 1933 que, marcou, na Seção de Arquitetura da Associação de Artistas Brasileiros, o início do movimento pela racionalização da arte de construir em nosso país (FROTA, 1993). No catálogo do salão haviam reproduções de obras de Lucio Costa e Warchavchik, Emílio Baumgart, Affonso Eduardo Reidy, Gerson Pinheiro, entre outros. Tanto no Salão de 1931 como no que houve em 1933 foram enfocados nos debates os conceitos de nacional e tropical. Outro organizador do Salão de 1933 foi Alexandre Albert, ex-aluno da Bauhaus em Weimar e Dessau, que se mudou para o Rio de Janeiro fugindo da perseguição aos judeus. Altberg foi também o editor da revista Base para a qual Rocha Miranda colabora com a redação. A Base foi um veículo importante na divulgação da arte e arquitetura brasileiras.

Já arquiteto, Rocha Miranda foi estagiário de Lucio e Warchavchik e firmou parcerias profissionais importantes como a parceria com Elvin Donald Mackay Dubugras. Da metade da década de 30 até o final da década de 80 Rocha Miranda assinou a autoria de cerca de 60 projetos/obras como residências, edifícios em altura, monumentos, escolas, igrejas, capelas, museus, fábrica e sedes de instituições. (PUHL, 2010). Paralelamente à produção de arte e arquitetura, vinculadas ao Movimento Moderno, Alcides atuou na área de preservação, como funcionário do SPHAN por 40 anos e na área do ensino.

Do Rio de Janeiro, Alcides foi transferido para a Diretoria Regional do SPHAN em São Paulo para poder lecionar na Universidade de São Paulo (USP), de 1950 a 1955. Foi importante seu papel na instituição para valorizar o desenho em arquitetura, na disciplina de Plástica, indo contra a crença de que a arquitetura moderna era puramente técnica. Defendia que o desenho não deveria ser algo ensinado isoladamente na faculdade de arquitetura, mas algo que permeasse todo o curso, pois, se a arquitetura é arte e feito plástico, o arquiteto deve ter familiaridade no trato com questões plásticas através do desenho. O programa da disciplina abrangia observação da natureza, memória visual, habilidade manual, prática de esboço, composições e montagens. Alcides produziu um caderno para auxiliar os alunos intitulado *O desenho para o arquiteto*, onde ele sintetiza todas essas ideias apoiadas em trechos de textos de Lucio Costa e Ferdinand Liénaux. Para auxiliar na disciplina Alcides convidou Zanine, que, até então, já havia feito cerca de 720 maquetes para praticamente todos os arquitetos que se destacavam na época.



3.2 Criação da UnB

Em 1959, após sua estada em São Paulo, Rocha Miranda foi transferido para Brasília com a missão de fundar um núcleo do SPHAN na nova capital. Alcides sugeriu a Rodrigo Melo Franco de Andrade que se criasse o núcleo em Brasília para ir de acordo com a lógica do órgão, de pulverizar a ação de salvaguarda e conservação de bens tombados em escala federal e não manter somente no Rio de Janeiro. O novo núcleo foi fundado no ano seguinte e foi implantado no edifício do Ministério da Educação. Além de ser o representante do SPHAN em Brasília, foi também assessor de gabinete do Ministro da Educação. Alcides acompanhava Darcy em reuniões no Congresso referentes à aprovação do projeto de criação da universidade. (Figura 1) Já havia a plaquinha “Universidade de Brasília” na sala de Darcy antes mesmo dela existir. Suas funções junto ao Ministério o aproximaram de dois momentos decisivos para a UnB. O primeiro foi a votação do projeto-de-lei que autorizava a instituição de uma fundação com o objetivo de criar e manter a Universidade de Brasília, idealizada por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, em 1961. O segundo foi o de convencer Clóvis Salgado e Israel Pinheiro de construir a universidade dentro do plano-piloto em área previamente escolhida por Lucio Costa. Cogitou-se construí-la em Vargem Bonita, a 20 km de distância de Brasília.

Figura 1 – Reunião do conselho diretor da UnB: João Moojen, Frei Mateus Rocha, Hermes Lima, Abgar Renault, Osvaldo Trigueiro, Alcides Rocha Miranda, Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro (da esq. para dir.) ICA-FAU 1962



Fonte: Centro de Documentação Unb (CEDOC)

Como Oscar Niemeyer estava na linha de frente na construção de Brasília, Darcy queria que o próprio Oscar projetasse e construísse o que seria a primeira universidade do Distrito Federal. Após algumas tentativas com Oscar, Darcy convidou Rocha Miranda para construir a universidade. Alcides convenceu Oscar que era ele quem deveria fazer os projetos da universidade, entretanto Oscar inicialmente tinha uma opinião um pouco contrária à construção de uma universidade no cerrado.² Alcides projetou e construiu as três primeiras edificações da Universidade correspondentes à Faculdade de Educação com a colaboração de Luis Humberto Miranda Martins Pereira, autor dos painéis azulejados de uma das edificações. Rocha Miranda e Luis Humberto se conheceram em 1962. Luis tinha 26 anos na época. Alcides, sempre muito receptivo e aberto aos jovens, convidou Luis Humberto para colaborar na construção dos edifícios e compor o grupo de professores do futuro Instituto Central de Artes (ICA). Segundo o arquiteto Claudio Queiroz³ a Faculdade de Educação da

² Segundo Luis Humberto em entrevista realizada em julho de 2015.

³ *UnB 50 anos: história contada*, 2012.



UnB é um dos conjuntos mais importantes do ambiente acadêmico dos campi de todo o Brasil, que nos primórdios da UnB, abrigou a reitoria da Universidade. A criação do Campus foi em 1962 por João Goulart.

3.3 Instituto Central de Artes

A Universidade ainda não tinha nenhum prédio e começou a funcionar em salas de um ministério, único lugar disponível. Mas o Alcides se recusou a ficar ali com o Instituto. Preferiu o cerrado. Ali só havia dois alojamentos da OCA, mas foi assim que os alunos começaram a desenhar a natureza e ver os prédios da Universidade serem construídos. Foi muito adequado ter os alunos nos canteiros de obras, com o curso começando. (...) Brasília estava muito crua, veio logo a época da seca e naquela área tinha uma poeira danada. O que segurou tudo foi o entusiasmo que as pessoas tinham pelo o que estavam fazendo e a liderança de Alcides, com o entusiasmo contagiante dele. (Depoimento de Elvin Dubugras em FROTA, pg. 60-61)

Influenciado pela sua experiência na USP e pelas ideias da Bauhaus, Alcides criou, em abril de 1962, o curso tronco de artes. Elvin Dubugras, Luis Humberto, Edgard Graeff, José Eduardo Maia de Mendonça, Glênio Bianchetti entre outros artistas, formaram o grupo de professores, todos muito jovens. A Universidade iniciou com professores que não necessariamente tinham graduação, mas tinham história, tinham conhecimento prático e Alcides entendia muito bem disso. O curso tronco de artes era a “Arquitetura e Urbanismo” da época. O curso era uma espécie de rótula, por onde passariam os estudantes não só na arquitetura, mas em outras artes também.

Era o começo. Ele (curso tronco) tinha várias coisas dentro. Ele estava se formando, porque a gente queria mudar as coisas e o Alcides não queria diplomar artistas: dr. escultor, pintor, isso eram matérias complementares. Você tinha que formar gente que pudesse a partir desse conhecimento que se obtém do relacionamento com todas as artes, que era algo que tinha nas Belas Artes e que depois os arquitetos passaram a sentir falta. Ele queria fazer isso. (Luis Humberto em entrevista concedida em 26 de julho de 2015)

Não há distinção entre os cursos de Artes, Arquitetura e Letra. Tudo é integrado como parte de um único tronco. ‘O estudante entrava e era bombardeado de conteúdo para depois escolher’[...]’Era uma formação mais completa e que funcionava muito bem’. (JORGE, 2012, pg.68)

Cerca de um semestre após o início do curso tronco, o grupo de professores foi convocado para uma reunião, em uma ocasião que Alcides estava ausente em função de uma doença. Na reunião, Darcy Ribeiro passou a coordenação do curso de arquitetura para Oscar Niemeyer, que, do atual corpo docente, só manteve Edgard Graeff. Foi criada uma cisão. Luis Humberto explica,

Houve um momento em que Darcy precisava de recursos de fundações internacionais, como a Ford e a Rockefeller. Trouxe nomes eminentes para a UnB e Oscar Niemeyer foi um deles. Ele veio para assumir o Centro de Planejamento (CEPLAN) em 1963. (JORGE, 2012, pg.90)

Niemeyer formou um novo corpo docente para trabalhar com ele no CEPLAN, que foi uma espécie de escritório modelo de arquitetura, um lugar em que os alunos podiam estagiar e os professores se reciclar. O hoje Centro de Planejamento Oscar Niemeyer prestou serviços de elaboração de projetos e de consultorias técnicas à comunidade. A formulação mais pedagógica do curso de Arquitetura e Urbanismo, agora vinculado ao CEPLAN, ficou por conta de Edgard Graeff, Ítalo Campofiorito e Glauco Campelo.



Alcides, recuperado, retornou com uma carta de demissão no bolso. Elvin impediu que ele se demitisse e o incentivou para que eles criassem o Instituto de Artes, algo que já estava nos seus planos para o ano seguinte. Apressaram o plano e criaram o Instituto no mesmo ano da cisão.

O Instituto foi planejado assim, para encaminhar as pessoas na direção de várias vertentes artísticas: cinema, teatro, fotografia [...] Então quer dizer, a coisa era promissora (o Instituto), era extremamente promissora. E havia uma alegria que você saía da universidade chateado, voltava doido para chegar de manhã e você voltar. Então isso não é o tempo todo que acontece. (Luis Humberto em entrevista concedida em 26 de julho de 2015)

Com a cisão Alcides não lecionou mais na arquitetura, entretanto ele recebia e ajudava alunos da arquitetura, quando solicitado e mantinha-se no conselho diretor da UnB. Alcides trouxe muito artista bom para o Instituto de Artes: Leo Barcellos Dexheimer, Alfredo Ceschiatti, Hugo Mund Júnior, Athos Bulcão, Esther Joffily, Zanine, entre outros. Quando criaram o Instituto criaram-se também nichos: o Elvin começou a fazer móveis, Bianchetti ficou encarregado dos ateliês de gravura e pintura, Athos Bulcão lecionava plástica e pintura. A ideia do curso-tronco de artes se manteve, agora dentro do ICA. Os alunos iniciantes ingressavam no curso-tronco de artes por dois anos. Após isso eles optavam por uma das Faculdades, entre elas a de Arquitetura, vinculada diretamente ao CEPLAN. (ver Figuras de 2 a 7)

Figura 2 – Estudantes tendo aula de desenho de observação ao ar livre com a professora Esther Joffily ICA-FAU 1962/63



Fonte: Centro de Documentação Unb (CEDOC)



Figura 3 – Professores Hugo Mund (de costas) e Elvin Dubugras (de camisa preta) ICA-FAU



Fonte: Centro de Documentação Unb (CEDOC)

Figura 4 – Aula de xilogravura ICA-FAU



Fonte: Centro de Documentação Unb (CEDOC)

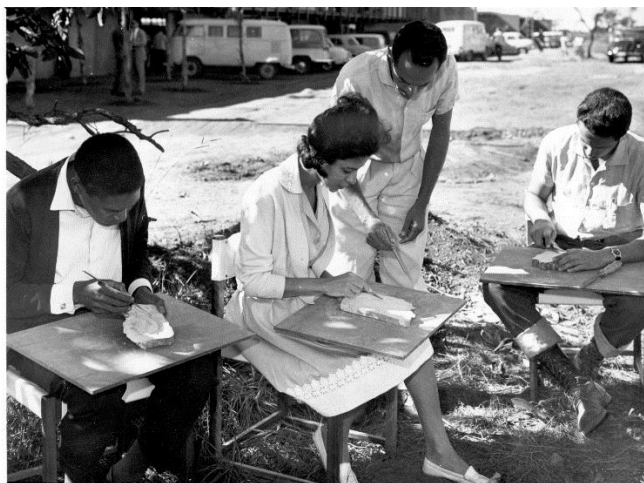
Figura 5 – Oficina de maquetes e protótipos ICA-FAU 1970



Fonte: Centro de Documentação Unb (CEDOC)



Figura 6 – Aula ao ar livre de litogravura com professor Zanine Caldas (em pé) ICA-FAU 1962



Fonte: Centro de Documentação Unb (CEDOC)

Figura 7 – Alunos em atividade prática de preparação de placas de concreto na construção dos edifícios da UnB ICA-FAU



Fonte: Centro de Documentação Unb (CEDOC)

Com o Golpe de 1964 a UnB começou a ser desmantelada: ocupação militar do campus, algumas prisões, demissão de professores, corte de verbas e o abaixo assinado com 223 assinaturas solicitando exoneração, em 1965. Alcides, Oscar Niemeyer, Luis Humberto, Bianchetti são alguns nomes entre os 223. Houve uma sobrevivência de um ano do Instituto pós Golpe Militar, durante a reitoria de Zeferino Vaz e foi importantíssima, pois foi o ano que o Instituto conseguiu visibilidade, caso contrário teria acabado no anonimato. Tanto o ICA quanto o CEPLAN foram fechados após o AI-5. Após 20 anos do fechamento da UnB alguns professores retornaram, entre eles: Luiz Humberto, Elvin, Marília Rodrigues, Leo Dexheimer, Bianchetti, Zanine, entre outros. Alcides retornou à UnB em 1991, para receber o título de professor emérito e proferir a aula inaugural do novo Instituto de Artes.

4 CONCLUSÕES

O binômio ICA-FAU foi promissor, uma espécie de Bauhaus no cerrado. Apesar do seu período de existência ter sido muito curto, até seu fechamento, em 1965, foi um período fértil e inovador em termos de ensino de arquitetura. As semelhanças entre o ICA-FAU e a Bauhaus são:



- a integração das artes;
- o contato do aluno com diversas artes;
- a renúncia à estilística;
- a relação próxima entre professor-aluno através de um convívio intenso;
- o entusiasmo dos alunos e dos professores imersos no ambiente acadêmico;
- o aprendizado através da prática;
- o contato direto com a matéria estimulando os sentidos.

Ainda existe mais um ponto de convergência das duas escolas, uma coincidência, ou não, do fechamento das mesmas por motivos políticos oriundos de governos ditatoriais. Foram interrupções de processos voltados a ensinos que promoviam a livre criação e a qualificação da sociedade através da arte. As semelhanças entre as escolas brasileira e alemã confirmam a essência vanguardista do ICA-FAU e inspiram para o ensino de arquitetura nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

ARGAN, G. C. **Walter Gropius e a Bauhaus**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2005. 255 p.

FROTA, L. C. **Alcides da Rocha Miranda Caminho de uma Arquitetura**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993. 229 p.

GROPIUS, W. **Bauhaus : novarquitectura**. São Paulo: Perspectiva, 1997. 220 p. :

JORGE, T. M. (org.). **UnB 50 anos: história contada: a história da Universidade de Brasília contada por seus personagens: reportagens, depoimentos, entrevistas**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2012. 252 p.

SOUSA, A. J. **O ensino da arquitetura no Brasil Imperial**. João Pessoa: Editora Universitaria/UFPB, 2001. 103 p.

PUHL, L. S. **Alcides da Rocha Miranda - projetos e obras (1934-1997)**. Dissertação de mestrado. PortoAlegre: UFRGS, 2010. 219 P